



Editorial

Sandro Adrián Baraldi

Parece um contrassenso juntar na mesma linha a palavra “decolonialidade” com “antropofagia”, não é? Se decolonizar – descolonizar – significa retirar algo e antropofagia significa acatar algo, nada foi dito. Um anula o outro. Toda palavra, porém, possui muito mais do que um sentido único invariável, por isso é possível manipular o contexto de uma palavra dando um significado, às vezes, oposto ao que queria ser dito. Vou sugerir o contexto ao qual gostaria que fosse entendida essa ideia formada por duas palavras.

Decolonialidade é um termo criado pela filósofa Catherine Walsh para marcar uma distinção entre o ato de descolonizar, que nega completamente a colonização, e a colonialidade, que persiste no pensamento mesmo quando os colonizadores se foram. Decolonialidade “põe em evidência que não existe um estado nulo da colonialidade” (2013, p.25), mas subsistem estruturas culturais implantadas pelo colonizador que não desaparecem completamente. A decolonialidade atua na mentalidade de uma pessoa ou de um grupo. Sua função é “retirar” da forma de pensar aspectos que permanecem colonizados. Valorizar um filósofo europeu mais que um filósofo latino-americano, por exemplo, é um aspecto colonizador do pensamento, o mesmo vale ao se invisibilizar a produção de filósofas. Acreditar que a pessoa latino-americana é inferior a uma pessoa europeia é outro exemplo típico de como uma lógica colonizada e colonizadora afeta o comportamento, a auto-estima e as ações pessoais.

A metáfora antropofágica sugere a apropriação da cultura do outro. Segundo Oswald de Andrade, “Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade” (Manifesto antropófago de 1928). Antropofagia significa “devorar” o outro, apropriar-se da cultura do “inimigo”, do estranho, do oposto. Para que alguém seja potencialmente “inimigo” é necessário que possa ameaçar e para isso deve ter qualidades iguais ou superiores, senão não há ameaça e assim o inimigo não existe. Uma formiga não pode ser inimiga em nenhum caso, já um formigueiro pode. O potencial inimigo tem valores que são temidos e desejados ao mesmo tempo.

“Decolonialidade antropofágica” significa o caminho que temos que percorrer, aproveitar as experiências culturais que o colonizador e outras culturas dispersas pelo país nos deixaram e “digeri-las” para criar as nossas próprias experiências. E então oferecer-nos em sacrifício para sermos “devorados”, para que outros também cresçam segundo suas aptidões e condições.

Aprender a alienar-se com o intuito de modificar-se, de desenvolver-se. O que se é só pode deixar de ser na própria autonegação para tornar-se outra coisa. Esse é o propósito da aventura humana, nada mais. Viver ao máximo as experiências, pois é só o que temos, só o que deixamos como herança pessoal e só o que levamos ao túmulo, para que lá, no túmulo, toda a nossa carne e a nossa memória sejam novamente “devoradas”, reabsorvidas pelo planeta. “Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres” nos lembra Azevedo (2018, p.) da fala de Oswald. Algo que os colonizadores europeus perderam durante o extermínio das culturas que encontraram. Desperdiçaram a possibilidade de “devorar” culturalmente o outro, as experiências do outro, do indígena, do nativo, do africano, em um ato leviano de arrogância estúpida. Perderam a chance de crescer em experiências de vida matando a cultura dos povos colonizados.

Essa entrega das próprias experiências aos outros para que sejam “devoradas”, absorvidas e reestruturadas, no ato metafórico da digestão, que “acata-ataca” o que vem e rearranja para seu uso próprio já fez parte de uma moral antiga em que passava-se a experiência – o conhecimento é experiência sistematizada – aos mais jovens para que eles aprendessem a fazer o mesmo com os que viriam depois. Hoje, o conhecimento, que não era de ninguém, mas que era de todos, é mesquinamente



controlado por meio de direitos de uso – *copyrights* – abusivos. Tudo em nome de um deus perverso chamado dinheiro que é acumulado, sem uso, por pouquíssimos bilionários.

A ética da experiência deveria ser o bem mais almejado por nós. Todos sabem que não adianta fugir do planeta para não morrer. Vivemos em negação da morte. O que sobra, porém, se (re)passadas para outros, são as experiências pessoais, as vivências, estas, sim, únicas, porque dependem de uma identidade em trânsito pela história. E que também serão “devoradas” pelo planeta se não forem comunicadas.

Bibliografia

ANDRADE, Oswald. *Manifesto Antripófago*. Revista de Antropofagia, Ano I, No. I, maio de 1928.

AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia - Palimpsesto selvagem*. São Paulo: SESI – SP, 2018.

WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Eitorial Byayala.Org.Ec, 2013.

Autor:

Sandro Adrián Baraldi

Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, é editor da Revista Cactácea e pesquisador do Grupo de Pesquisa Mandacaru: educação e filosofia <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963>> e do

GRUPEFE. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-5055-2071>>. Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6246489151782898>>.